

Erudito hoje!

Formado por pianistas de intensa atividade relacionada à música contemporânea, o Duo Grosman-Barancoski lança CD dedicado à obra de Sergio Roberto de Oliveira e Ricardo Tacuchian







As pianistas Miriam Grosman e Ingrid Barancoski acabam de lançar *O piano de Sergio Roberto de Oliveira e Ricardo Tacuchian*, CD que reúne obras do saudoso músico e produtor tijucano, falecido há quase um ano, e do consagrado maestro e compositor. O disco é um lançamento da gravadora carioca A Casa Discos, que tinha Oliveira como proprietário e gestor, e agora se renova, determinada na manutenção da memória do seu criador e no desenvolvimento de novos projetos eruditos e instrumentais.

Resultado de uma recente parceria e amizade entre os compositores, o CD começou a ser concebido em 2015, quando Tacuchian procurou a gravadora para produzir o disco *Água-forte: duo Grosman-Barancoski interpreta Tacuchian*.

A produção de *O piano de Sergio Roberto de Oliveira e Ricardo Tacuchian* foi, de certa forma, interrompida por conta da doença fatal do compositor e produtor, diagnosticada em 2016. O disco, então, nasceu, segundo o maestro, com um novo significado: “uma homenagem ao compositor que, apesar de partir tão cedo,

deixou fortes marcas no panorama musical brasileiro de sua geração”. A primeira parte do disco reúne peças de Oliveira para piano: “Brasileiro”, “Prelúdios Tijucanos” (em três movimentos) e “Atonas”. As composições de Tacuchian ocupam a segunda parte do CD, com as obras “Ernesto Nazareth no Cinema Odeon”, “A Bailarina” (com dez movimentos) e se encerra com “Le Tombeau de Alejadinho”.

Conversamos com as pianistas, que deram mais detalhes sobre o trabalho e, entre muitos assuntos, falaram sobre suas carreiras e a música erudita contemporânea brasileira.

Como é dividir a gravação de um álbum com obras de dois compositores brasileiros contemporâneos com outra pianista? Houve diálogos entre vocês em relação às obras, características, similaridades, sonoridade etc?

Ingrid Barancoski – Sim! Eu e Miriam dialogamos brevemente sobre as obras, as linguagens, temáticas, idiomatismos, sonoridades, não tanto quanto fizemos quando gravamos as obras para duo, mas, sem dúvida, a nossa troca de ideias contribuiu para o processo de amadurecimento interpretativo do repertório. Conhecer obras diferentes de um mesmo compositor, seja ele contemporâneo ou de qualquer período anterior, faz parte do processo. É, na verdade, fundamental.

Miriam Grosman - Não chegou a haver uma troca de experiências como no álbum do Duo Grosman-Barancoski, mas conversas informais sobre a natureza e os desafios de execução em algumas delas, já que foram todas peças para piano solo. No primeiro CD, isso foi necessário e indispensável, porque executamos obras para piano duo e quatro mãos.

Como foi feita a escolha e a divisão do repertório entre vocês?

IB – Partimos das sugestões de obras dos próprios compositores e, entre nós, acertamos algumas escolhas, com base em preferências pessoais e considerando experiências anteriores. Por exemplo, eu já tinha tocado algumas peças da série “A bailarina”, de Ricardo Tacuchian, então aproveitamos este trabalho iniciado, e eu aprendi as demais peças para completar a obra.

MG - Após a conclusão da nossa primeira gravação, com obras exclusivas do Tacuchian, o Sergio propôs um segundo CD, com peças de ambos. Uma das peças gravadas pela Ingrid para o primeiro CD não pôde ser incluída no mesmo, por falta de espaço. Os dois compositores combinaram, então, uma divisão equilibrada para o segundo CD, em que a parte da Ingrid fosse um pouco maior do que a minha para compensar meu tempo maior no primeiro disco. O Sergio não chegou a sugerir

as peças que eu deveria gravar porque, infelizmente, faleceu. Em algum momento, ele havia me enviado peças para que, se fosse do meu agrado, pudesse incluir no meu repertório. Ele chegou a ouvir sua obra “Brasileiro” na série musical denominada “Preludio 21”. Como ele fez os maiores elogios à minha performance, resolvi que a peça faria parte do álbum. Com o auxílio do Tacuchian, selecionei as obras do Sergio que seriam gravadas que preencheriam o tempo planejado. Além dessas, o Tacuchian me pediu mais uma das suas obras para equilibrar o tempo e o programa, o que me deu muito prazer em preparar “Ernesto Nazareth no Cinema Odeon”

Quanto tempo foi necessário para dominar as obras, tanto tecnicamente quanto interpretativamente?

IB – Isto foi variável. “Atonas”, por exemplo, do Sérgio Roberto, exigiu mais tempo pela sua complexidade de linguagem, densidade de textura e dificuldades técnicas, cerca de



seis meses. Outras obras ficaram prontas em menor tempo.

MG - Os “Preludios Tijucanos” consumiram mais tempo do que o “Brasileiro” e o “Ernesto Nazareth no Cinema Odeon”, porque eu já havia estudado estes últimos. Levei aproximadamente um mês e meio para os “Prelúdios”, porque não dispunha de muito tempo todos os dias, por conta de meu trabalho na UFRJ. No entanto, foi necessário estudar todas as peças nas semanas que antecederam as gravações. E bastante, porque não são fáceis, com exceção do terceiro prelúdio.

Até que ponto os compositores direcionaram o trabalho e a interpretação?

IB – Para um intérprete, é um privilégio poder dialogar diretamente com o compositor sobre a interpretação de uma obra. Sempre me lembro da professora Henriqueta Duarte, presença muito marcante até hoje no meio artístico paranaense, que nos chamava a atenção para essas oportunidades. Ela dizia: “é como se Mozart pudesse entrar na nossa sala de aula e opinar sobre a sonata ou concerto dele que estamos estudando”. Já toquei para muitos compositores, e esses contatos foram sempre enriquecedores, cada um deles de forma diversa e única.

MG - É sempre um privilégio poder ouvir



as opiniões do compositor quando executamos suas composições.

IB – Tive a oportunidade de trabalhar com Ricardo Tacuchian em vários encontros, para discutirmos minha interpretação de suas obras que fazem parte deste CD. Os assuntos foram muito variados, desde detalhes específicos e localizados como articulação ou dinâmica de um acorde ou de uma frase, ou outras vezes uma conversa mais genérica sobre a temática da obra ou a atmosfera sonora em geral. Como não pude tocar para o Sérgio Roberto, pedi ao Ricardo que me ouvisse tocar Atonas. Trocamos ideias sobre a obra, em especial sobre a clareza de textura na interpretação, a escolha dos andamentos no sentido da estrutura musical, e os diferentes caracteres dos temas e seções. Agradeço ao Ricardo por esse diálogo.

MG - Sempre me senti com muita liberdade em relação à interpretação das peças do Tacuchian. Às vezes, um ou outro detalhe era sugerido, o que me permitia maior segurança no resultado. O Sergio não teve oportunidade de interferir e, quanto à única interpretação que ouviu (“Brasileiro”), não direcionou nem sugeriu. Ao contrário, fez os maiores elogios.

Como foram as sessões em estúdio?

MG - Transcorreram em ambiente tranquilo e dentro de um tempo satisfatório. Ricardo Tacuchian e Cristiano Alves conduziram as três sessões de gravação de forma muito competente e serena. Foi uma experiência muito rica ao lado desses músicos e amigos. É muito gratificante trabalharmos com pessoas como eles.

IB – As sessões sempre correram numa atmosfera de trabalho de equipe, por sinal uma equipe muito integrada, além do trabalho transcorrer num clima de respeito

e profissionalismo por parte de todos.

A produção de música erudita no Brasil é pouco divulgada. Qual a importância de um trabalho como esse?

IB – É de extrema importância, principalmente nos dias atuais. Precisamos cultivar a valorização da cultura brasileira e, conseqüentemente, nossa autoestima, reconhecendo o potencial artístico e cultural do nosso País. Temos muita produção de qualidade que merece divulgação, não somente musical como também em todos os outros setores artísticos. Nossa sociedade consome com prazer arte e cultura, se tiver acesso e se o trabalho for divulgado.

MG - Certamente, com toda a excelente divulgação que tivemos, esperamos que, não apenas as peças dos álbuns, mas a produção geral dos compositores venha a despertar maior interesse por parte de pianistas, professores e alunos.

A morte de Sergio Roberto de Oliveira com certeza teve impacto emocional e, na sequência, prático em relação à produção do disco. Como foi encarar as obras do compositor após sua morte. Houve modificações em relação à interpretação?

IB – Na verdade não tivemos tempo para que Sérgio ouvisse minha interpretação de sua música. Conversei com ele por telefone sobre algumas dúvidas minhas, principalmente de tempo, mas o plano do encontro para Sérgio me ouvir tocando “Atonas” não se concretizou. A lembrança dele sempre nos vem com muita alegria, pois sua presença era marcada por um entusiasmo contagiante pela música e pela vida, e é este sentimento que me inspira quando toco sua música. A vivacidade e a espírituosidade do Serginho eram também



especiais, e isto me ajudou a entender “Atonas”. Tem sido prazeroso interpretar a música dele, e tenho interesse em tocar também outras obras do Sérgio.

MG - O intérprete costuma recriar periodicamente as obras que interpreta, mas não significa que as mudanças, na verdade resultado do amadurecimento do texto musical, modifiquem as intenções do compositor. Tacuchian me disse na última apresentação que, na sua opinião, aquela foi a melhor interpretação de “Ernesto Nazareth no Cinema Odeon”. Realmente, na terceira execução, percebi que poderia valorizar mais certos elementos da obra, resultando, com isso, uma interpretação mais rica.

A maioria dos pianistas ainda apoia sua carreira na interpretação do repertório clássico-romântico. Como é se aventurar pela música contemporânea, principalmente brasileira?

IB – Cada personalidade artística tem identificação com repertórios diferentes. Alguns interpretam magistralmente o repertório romântico, outros, as obras barrocas etc. E alguns intérpretes conseguem desenvolver um repertório eclético mantendo um padrão equilibrado de qualidade. É uma variedade natural e saudável entre nós, os intérpretes. Neste



Miriam Grosman

Desenvolveu seus estudos no Rio de Janeiro, onde obteve vários prêmios em concursos de piano. É Doutora em Artes Musicais (DMA), título concedido pela Catholic University of América, em Washington DC, onde foi orientada pelo Prof. Dr. Thomas Mastroianni. Graduada pela Escola de Música da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), é também Mestre em Música pela mesma Instituição. Professora Associada da UFRJ, integra os quadros dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação como professora de Piano e orientadora de dissertações de Mestrado. Recebe convites para Master Classes, oferecendo,

ainda, cursos de extensão e seminários voltados para aspectos didáticos, estilísticos e interpretativos, como, por exemplo, "Aprendizagem e Memorização", "Desenvolvimento do Pianismo", "Chopin: obra e estilo" e "Beethoven: estilo e interpretação". É autora de vários artigos publicados em revistas especializadas de circulação nacional, como "Liszt e a Técnica Pianística", "O Pianismo no Brasil", "Ginastera e Música de Câmera com Piano" e "A Importância do Trabalho Mental", entre outros. Apresenta regularmente trabalhos nos Colóquios internos da Pós-Graduação, com ênfase em aspectos didáticos como "Técnica Pianística", "Medo de Palco" e "A Importância do Ritmo". Paralelamente à docência, desenvolve atividade artística relevante como solista e camerista, já tendo se apresentado em várias salas de Concerto no Brasil e em Portugal, Espanha, Áustria e Estados Unidos. Integra o Trio Francisco Mignone com o violoncelista Ricardo Santoro e o flautista Afonso de Oliveira com gravações inéditas que incluem os dois trios do compositor para esta formação. Os comentários da crítica especializada foram excelentes, incluindo a Revista Diapason que avaliou o CD com a cotação de 5 Diapasons. Sobre a interpretação dos 6 Estudos Transcendentais, Carlos Dantas declara: "...a pianista Miriam Grosman nos dá uma versão que prima pela dinâmica filigranada, pela conduta técnica dominada senhorilmente. Performance nota 10". (Tribuna da Imprensa, 3 de maio de 2006). Exerceu a chefia do Departamento de Teclado e Percussão por 5 anos e foi Coordenadora dos Cursos de Extensão da Escola de Música da UFRJ de 2007 a 2015.

cenário, a música contemporânea é apenas parte do imenso repertório, e não deve ser entendida como uma categoria à parte, mas uma categoria que dialoga e interage com as demais. O aprendizado de obras barrocas ajuda a entender obras de outros períodos e vice-versa. E para entender Schönberg, é fundamental conhecer a música germânica dos períodos anteriores, para citar apenas alguns exemplos. Considero tão instigante e desafiador interpretar uma obra contemporânea como uma obra de Bach.

MG - O repertório clássico e romântico é muito vasto na música para piano. Na minha opinião, é importante conhecê-los até mesmo para desenvolver um pianismo competente e que, sem dúvida, servirá de base para as obras modernas e contemporâneas. Não vejo incompatibilidade em ampliar o repertório contemporâneo e brasileiro juntamente com o tradicional. Embora músicos possam se identificar melhor com determinado estilo, não acredito em especialistas. Um músico é um músico para todas as épocas, deve conhecer os diferentes estilos e ser capaz de interpretá-los.

IB - Como formação, explorei obras de todos os períodos da história da música, sendo que a música contemporânea sempre me fascinou, desde meus primeiros anos de estudo. Desvendar obras ainda não conhecidas, por vezes ainda não tocadas, conhecer compositores atuais, trazer à tona compositores menos conhecidos, descobrir maneiras inusitadas de produção sonora, timbres não usuais, isto tudo sempre cativou minha curiosidade, e continua a despertar meu interesse pela música do nosso tempo. Estou continuamente descobrindo novidades que tenho prazer de compartilhar com o público.

Esse repertório exige outra abordagem em relação à sonoridade do pianista? Quais as dificuldades?

MG - A linguagem de estilos e compositores deve ser compreendida e expressa adequadamente. Essas diferenças podem ter características diferentes quanto à sonoridade, timbres, ritmo etc. No entanto, a qualidade de som deve ser contemplada, evitando-se ultrapassar as possibilidades e limites do instrumento. Essa qualidade está muito relacionada às concepções de técnica de cada pianista, à forma como utiliza seu aparelho motor e como concebe mentalmente a imagem acústica ou sonora da música.

IB - A literatura pianística moderna e contemporânea tende a explorar de maneira mais elaborada as questões timbrísticas do instrumento, instigando o intérprete a uma pesquisa sonora bastante refinada. Acredito que um intérprete que passa por essas experiências leva esse desenvolvimento para sua interpretação



Sergio Roberto de Oliveira e Ricardo Tacuchian

de todo o repertório. Algumas questões rítmicas da música contemporânea também exigem habilidades de leitura e de controle mental apuradas, o que também traz benefícios na interpretação de repertórios do passado. Como falo para meus alunos, executar com precisão ritmos irregulares, mudanças frequentes de compassos, polimetrias e polirritmias complexas levam a uma maior precisão na execução de peças musicais com quadratura métrica estável e regular em 4/4. Ou seja, as abordagens de diferentes repertórios podem focar em aspectos diversos, mas são complementares.

Qual é sua rotina de estudos? Como mantém sua técnica?

IB – Procuo manter minha rotina diária de estudo, mesmo tendo que dividir meu tempo com a docência, as várias tarefas acadêmicas, e as pesquisas que desenvolvo. Essas atividades todas se complementam, pois aprendo muito com meus alunos, e

a busca do conhecimento faz parte do desenvolvimento do intérprete, haja vista que os grandes intérpretes foram, em geral, pessoas de cultura vasta e interesses variados. Em alguns períodos, como os finais de semestre letivo, o tempo fica mais apertado, mas ainda assim é possível manter uma rotina diária, mesmo com menor tempo de estudo. Há que se aprender a organizar o tempo e priorizar atividades.

MG - Como leciono na Universidade, também não tenho como manter uma rotina regular. Há dias nos quais dedico várias horas de estudo, em outros, não. Adquiri um piano digital que me permite estudar tarde da noite sem incomodar os vizinhos. Esse é um problema real nosso... Quando não disponho de tempo durante o dia, estudo à noite, embora com um rendimento menor. E sempre aproveito bastante os fins de semana. Em épocas de apresentação, muitas vezes trabalho durante o dia e também à noite. Estudar é uma atividade que me dá muito prazer, e



Ricardo Tacuchian, Miriam Grosman e Ingrid Barancoski

Doutora em Música pela Universidade do Arizona (Piano / Teoria da música) e Mestre em Artes pela Eastern Illinois University. Em seu Doutorado, contou com bolsa da CAPES e durante seu mestrado atuou como pianista acompanhadora de instrumentistas de corda e sopro como bolsista da universidade. Participou também de renomados festivais, como o Cliburn Piano Institute (Estados Unidos) e Centre Acanthes (França). Suas atividades incluem concertos como solista e camerista. Ingrid Barancoski já atuou com diversas orquestras como a Sinfonia Cultura, a Orquestra Sinfônica do Estado de Minas Gerais, a Orquestra da Universidade do Arizona, a Orquestra de Câmara de Curitiba e a Orquestra Sinfônica Nacional. Como camerista, já dividiu o palco com renomados músicos como as sopranos Martha Herr e Marília Vargas, a pianista Miriam Grosman, a violinista Constanza Prado e o flautista Vitor Diniz. Suas inúmeras apresentações solo incluem recital na série Dame Myra Hess Memorial Concerts (Chicago, EUA), e apresentações em diversos estados e capitais brasileiras, além de concertos no México, Venezuela, Itália e Estados Unidos. É detentora de premiações em concursos nacionais e internacionais, entre os quais The President's Competition (Universidade do Arizona, Estados Unidos) e IBLA Grand Prize (Ragusa-Ibla, Itália). Ministra regularmente master classes e palestras em instituições no Brasil e no exterior, como na Escola de Música de Karlsruhe (Alemanha) sobre a música de Almeida Prado, em 2014. Tem participado de congressos nacionais e internacionais como ANPPOM, Conferência Internacional da College Music Society (Buenos Aires, Argentina), IV Simpósio Internacional de Música Latino-Americana (Universidade do Arizona, Estados Unidos)



Ingrid Barancoski

e Music & the Moving Image 2014 (New York University, Estados Unidos). Seus interesses de pesquisa incluem estética da música contemporânea, utilização pedagógica de repertório contemporâneo no ensino de instrumentos, idiomatismo do pianismo contemporâneo, e o uso de técnicas de consciência corporal na performance pianística. Desde 1998 Ingrid Barancoski é docente do Instituto Villa-Lobos da UNIRIO (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro), atuando também no Programa de Pós-Graduação em Música. Entre novembro de 2015 e agosto de 2016 realizou estágio de pós-doutorado na University of Southampton, Inglaterra. Seu assunto de pesquisa foi a correspondência entre o compositor Almeida Prado e a professora e maestrina francesa Nadia Boulanger.

considero a melhor parte do meu trabalho. Eu diria que mantenho minha técnica no aperfeiçoamento da minha arte, onde não separo a técnica da arte. À medida que desenvolvemos nossa capacidade de expressar a linguagem musical, a técnica acompanha o trajeto. No entanto, do ponto de vista exclusivamente técnico, mantenho certas concepções nas quais acredito e procuro difundi-las por meio de meus alunos.

IB – Quanto às questões técnicas, habilidades tradicionais como a prática de arpejos, escalas ou sequências de acordes é sempre útil, e tento manter este tipo de prática, alternando entre diferentes exercícios. Cultivo e estudo sobre a conscientização dos movimentos utilizados na prática pianística - uma linha de pesquisa que vem crescendo ultimamente -, e procuro incorporar essas ideias na minha prática docente.

O Duo Grosman-Barancoski será um duo perene?

MG - A princípio, foi uma ideia estimulada pelo Tacuchian. Se houver novas oportunidades, terei o máximo prazer em manter o duo com a Ingrid. O trabalho com ela foi muito agradável e enriquecedor.

IB – Mencionamos sobre a possibilidade de continuar o trabalho. Há muito repertório interessante para ser explorado, tanto as obras mais tradicionais dessa formação quanto outras menos conhecidas, de períodos anteriores e obras mais recentes. O trabalho de duo pianístico é uma situação camerística inusitada, onde dois intérpretes dividem um mesmo instrumento. Isto promove uma escuta e uma produção sonora extremamente refinadas, além de desenvolver a consciência das relações corporais ao instrumento, pela observação

e integração com o instrumentista que está sentado ao lado, muitas vezes dividindo até o mesmo banco. Há alguns duos pianísticos excelentes e muito atuantes no Brasil, mas sempre há espaço para novos grupos.

Pretendem realizar mais projetos voltados à música erudita contemporânea brasileira?

MG - No momento, esse é o meu objetivo principal. Penso em projetos que envolvam o piano solo, duo, piano e orquestra e câmara. Sou integrante do Trio Mignone desde 2002 juntamente com o flautista Afonso Oliveira e o violoncelista Ricardo Santoro. Gravamos um CD com obras exclusivas de (Francisco) Mignone, como por exemplo, os dois Trios para a nossa formação. Foi um CD elogiado pela crítica especializada da revista Diapason, que nos concedeu a avaliação máxima de cinco diapasons. Mantemos um repertório tradicional, mas procuramos enfatizar o brasileiro contemporâneo.

IB - Tenho me dedicado a diversos projetos com repertório de música contemporânea brasileira nos últimos anos, tendo estreado mais de 35 obras - várias delas honrosamente dedicadas a mim, como "Azulejos", de Ricardo Tacuchian, e "Cartas Celestes XVIII", de Almeida Prado. Desenvolvo também pesquisas musicológicas sobre o assunto, e me interesso também pela utilização da música contemporânea em geral no ensino dos instrumentos. São temas que me fascinam e esses trabalhos tem me dado grande prazer. Minha tendência nos últimos tempos tem sido pensar a música brasileira contemporânea no cenário da música contemporânea universal, integrada e fazendo parte desses diálogos internacionais. Pretendo certamente continuar a interpretar, pesquisar e ensinar a música contemporânea brasileira. 🇧🇷